

JANEIRO N.º 75 NOVA SÉRIE / APRENDER O SEXO • Parlamento & Paramentos Rog

• Espanha: os bastardos do capitalismo • «Para onde vão os economistas portugueses?»:
Pereira de Moura • Leitura do corpo de RAMOS ROSA • IDEOLOGIA / CINEMA / CRÍTICA

o tempo e o modo



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
25 DE MARÇO

essa palavra espontaneidade...

O «espontâneo» que desce à praça, nem sempre o é de facto. A «espontaneidade» dos lutadores de «catch» é bem conhecida. Quanto à geração espontânea parece que ainda está por descobrir. Ao nível do quotidiano talvez nos reste apenas a espontaneidade infantil e a do marialva que esborracha virilmente o atrevido que se meter com a «sua» pequena em pleno Chiado...

Num mundo cada vez mais organizado, mais regulamentado, mais burocratizado, mais planeado, a espontaneidade tende a ser uma característica dos não-adultos sociais e a se rolhada com inquietação ou desprezo pelos integrados (ou que assim se julgam). A gargalhada sonora que alguém não pôde dominar pelo meio de um filme reputado sério — quantas vezes hilariante — é manifestamente desaprovada pela plateia disciplinada e circumspecta. Como a violenta blasfémia daquele que não encontra outro modo de reagir a uma exploração que a cada instante expropria um pouco mais da sua energia e da sua condição de homem, o coloca sem reticências no rol dos suspeitos.

O esmagamento da espontaneidade por uma estrutura de relações sociais cada vez mais rígida, embora na aparência possa parecer o contrário, foi salutarmente posto em causa em Maio de 68. Reacção extrema e violenta contra os condicionamentos sociais por momentos apercebidos como insuportáveis, a espontaneidade teve aí um papel importante, tanto mais quanto se manifestou ao nível das massas, e não apenas ao nível individual, necessariamente estéril. Esqueceu-se, porém, com demasiada facilidade, tudo o que antecedeu o movimento, que o preparou e, diga-se mesmo, o pré-estruturou. Confundiu-se também

até ao exagero conteúdo e forma — aquele exemplar e fecundo sempre que se adiantou claramente ao tradicional conteúdo reivindicativo, este quase sempre espectacular mas débil, em última análise, pela recusa persistente em se dotar de organização. Por este facto, aliás, pôde o movimento ser «recuperado» por organizações já existentes e que para ele nada contribuíram, ao ponto de morrer ingloriamente às mãos dos cidadãos eleitores de todas as cores.

Nada disto impediu, contudo, se não favoreceu até, que se tenha caído a partir daí em muitos sectores no mito da espontaneidade. O que é ao mesmo tempo cómodo e desmobilizador: se **tudo** virá da espontaneidade (e não do individual) para que vou **eu** mexer uma palha? A palavra organização faz arrepiar os cabelos a esta gente: organização = burocracia. Caímos de novo na questão levantada nas «Palavras incómodas» do n.º 73 desta revista. Organização e espontaneidade são dois termos que não podem ser «significantes» separadamente. Em face dum homem armado até aos dentes, outro de punhos nus não combate: gesticula. Também em face duma organização sólida e dominante, a espontaneidade **só** não faz peso: vocifera e, quando muito, incomoda. O sonho anarquista falhou sempre do mesmo modo. Como falhou também a burocracia que se **institucionalizou** para melhor defender um programa de libertação. Há que distinguir de uma vez para sempre organização e instituição. Esta, sim, é a negação mesma da espontaneidade e da criatividade.

Nesta perspectiva, não seria de todo inútil que os «espontaneistas» mais fervorosos relessem com atenção o que escreveu uma autora de quem tanto se reclamam, a propósito de movimentos aparentemente espontâneos mas que são afinal a consequência lógica de um processo mais ou menos prolongado em que as «organizações» tiveram um papel preponderante e que se manteve durante essa fase.

JOÃO MARTINS PEREIRA

a pedrada

Não, não se trata de uma crítica (1) ao filme *O Detective!* Não, me referirei, nem à linguagem cinematográfica (quer seja do tipo «corrosivo», «arguto» ou meramente «banal»), nem tão pouco é minha preocupação analisar a técnica cinematográfica que se utilizou (...famoso *travelling...* em *contre-plongé...* etc.). Trata-se, isso sim, de um conjunto de questões, que, espontaneamente surgem, depois de «uma leitura» daquele filme. A «pedrada» foi recebida. O estonteamento foi grande. Acabava-se de assistir a mais um diagnóstico (talvez não muito rigoroso, mas não deixando, contudo, de apontar algumas das zonas mais «doentes») da sociedade americana. Até que ponto são essas zonas caracteristicamente americanas? Eis a primeira dúvida (?) que se formula. No entanto, vejamos:

A criminalidade, quer decorra de razões económicas, políticas, sexuais ou outras, assume, nos E. U. A., proporções bastante elevadas. No caso concreto dos crimes de natureza *sexual*, aquele filme sublinha, de forma particular (e corajosamente), alguns casos ligados à homossexualidade. Um aspecto se torna, desde logo, fundamental inquirir. É a homossexualidade (ou, genéricamente, são os «traumas sexuais») *causa* da criminalidade, ou pelo contrário, a existência desta (e porquê existe?), *cria* condições propícias ao aparecimento e projecção de «patologias» com fortes conotações sexuais? Ambas as observações têm muito a ver (mas não só, acentue-se), com certas estruturas socio-culturais e (claro!) políticas. Donde, não parecer correcto equacionar o problema em termos de «causa-efeito».

Por outro lado, uma nova pergunta se formula, ao inquirir qual o papel da sociedade (ou melhor, que atitudes e comportamentos são assumidos, se não de forma frontal, pelo menos indirectamente, pelos membros da colectividade, enquanto que «actores sociais») em face desse surto de criminalidade? E particularmente perante a criminalidade sexual?

(1) Para crítica, ler, etc., Lauro António.